

## Consumo e experiência estética: deslocamentos formativos em práticas de arte/educação

*Consumption and aesthetic experience: formative displacements in art  
education practices*

*Consumo y experiencia estética: desplazamientos formativos en  
prácticas de arte-educación*

Silvia Sell Duarte PILLOTTO<sup>1</sup>

Rogério de ALMEIDA<sup>2</sup>

Mirtes Antunes Locatelli STRAPAZZON<sup>3</sup>

### Resumo

O objetivo do artigo é refletir sobre os usos dos afetos e das subjetividades na sociedade capitalista contemporânea, problematizando a captura mercantil das emoções e discutindo as possibilidades de uma experiência estética que resista à lógica do consumismo anestesiante. Por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter teórico-conceitual e analítico-interpretativo, discutem-se as relações entre consumo, estetização e experiência estética, com ênfase nas mediações que podem converter o estético em experiência formativa. Os resultados indicam que, quando acompanhadas por atenção, partilha e interpretação, tais práticas podem interromper fluxos anestésicos e favorecer processos de subjetivação e formação.

**Palavras-chave:** Experiência Estética; Consumo; Contemporaneidade; Subjetividades; Deslocamentos.

---

<sup>1</sup> Doutora em Engenharia de Produção (Gestão da Qualidade) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). E-mail: [pillotto@gmail.com](mailto:pillotto@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4497-2285>

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [rogerioa@usp.br](mailto:rogerioa@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6720-1099>.

<sup>3</sup> Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Diretora pedagógica do Conservatório Belas Artes de Joinville. E-mail: [mirteslocatelli@gmail.com](mailto:mirteslocatelli@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2995-3097>.



## Abstract

The aim of this article is to reflect on the uses of affects and subjectivities in contemporary capitalist society, problematizing the commodified capture of emotions and discussing the possibilities of an aesthetic experience that resists the logic of anesthetizing consumerism. Through a qualitative approach, of a theoretical-conceptual and analytical-interpretative nature, the relationships between consumption, aestheticization, and aesthetic experience are discussed, with an emphasis on the mediations that can transform the aesthetic into a formative experience. The results indicate that, when accompanied by attention, sharing, and interpretation, such practices may interrupt anesthetizing flows and foster processes of subjectivation and formation.

**Keywords:** Aesthetic Experience; Consumption; Contemporaneity; Subjectivities; Displacements.

## Resumen

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre los usos de los afectos y de las subjetividades en la sociedad capitalista contemporánea, problematizando la captura mercantil de las emociones y discutiendo las posibilidades de una experiencia estética que resista la lógica del consumismo anestésico. Mediante un enfoque cualitativo, de carácter teórico-conceptual y analítico-interpretativo, se examinan las relaciones entre consumo, estetización y experiencia estética, haciendo hincapié en las mediaciones que transforman lo estético en una experiencia formativa. Los resultados indican que, cuando van acompañadas de atención, intercambio e interpretación, tales prácticas pueden interrumpir flujos anestésicos y favorecer procesos de subjetivación y formación.

**Palabras clave:** Experiencia Estética; Consumo; Contemporaneidad; Subjetividades; Desplazamientos.

---

## Introdução

Nas últimas décadas, a intensificação do capitalismo de consumo tem produzido uma transformação profunda nos modos de viver, sentir e relacionar-se com o mundo. Não se trata apenas da ampliação do acesso a bens e serviços, mas da colonização das esferas mais íntimas da existência: emoções, afetos, desejos, sonhos e formas de estar-junto. Estes passam a ser capturados por dispositivos de mercado que prometem bem-estar, autenticidade e realização pessoal.

Nesse cenário, os sujeitos são convocados a se apresentarem como mercadorias desejáveis, gerindo a própria visibilidade e performando estilos de vida que, frequentemente, pouco dialogam com as experiências concretas de vulnerabilidade, conflito e incerteza que marcam a contemporaneidade.



A estetização do mundo neste artigo, não designa que todo e qualquer objeto ou prática seja, por si, experiência estética. Seguindo Lipovetsky e Serroy (2015), interessa-nos antes o regime transestético em que dimensões sensíveis, imaginárias e emocionais são incorporadas de modo sistemático à produção, à circulação e ao consumo, convertendo estilo, sedução e espetáculo em estratégias de valorização mercantil. A promessa de prazer e satisfação contínuos alimenta, então, uma lógica de insatisfação crônica, na qual o desejo é constantemente reativado, mas raramente apaziguado.

Ao mesmo tempo, o excesso de estímulos, informações e opiniões engendra um empobrecimento da experiência e uma espécie de anestesia difusa, que dificulta a elaboração reflexiva do vivido e reduz a potência formativa dos acontecimentos. Se tudo se torna, de algum modo, ‘interessante’, nem tudo é capaz de nos interessar de fato, isto é, de nos tocar, deslocar e transformar. Ou, em uma palavra, propiciar experiência.

No contexto brasileiro, essa discussão encontra desdobramentos importantes em autores que articulam experiência, sensibilidades e formação, como Favaretto (2017), Almeida e Araújo (2020) e Meira e Pillotto (2022). Em vez de tomar o estético como ornamento ou atributo difuso do cotidiano, esses trabalhos permitem pensá-lo como campo de mediações no qual os afetos, tanto podem ser capturados pelos circuitos de consumo quanto reinscritos em processos interpretativos e formativos.

É nesse cenário que se torna urgente distinguir entre uma estetização anestesiante – que captura afetos e subjetividades para os devolver como mercadorias e uma estética da experiência, compreendida como processo em que algo nos acontece, deixa vestígios, mobiliza afetos e exige interpretação. Em outras palavras, importa perguntar: em que condições o consumo de imagens, narrativas e objetos pode ser consumido pela vida? Isto é, reinscrito em trajetórias formativas e em que condições ele se esgota no próprio ato de consumir, produzindo apenas distração e esvaziamento. Tal distinção é decisiva para recolocar no centro do debate educacional a dimensão sensível da formação e o papel das artes na constituição de subjetividades mais críticas e criativas.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre os usos dos afetos e das subjetividades na sociedade capitalista contemporânea, problematizando a captura mercantil das emoções e discutindo as possibilidades de uma experiência estética que resista à lógica do consumismo anestesiante.



Para isso, articulamos três movimentos: diagnóstico da cultura de consumo e da estetização do mundo, enfatizando o modo como o capitalismo converte afetos em dispositivos de controle; análise de deslocamentos do consumo mobilizados pela estética e pelo estar-junto, evidenciando as tensões entre anestesia e estesia no cotidiano midiático e relacional; e a apresentação de experiências formativas desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE) e no Laboratório Experimental de Arte, Educação e Cultura (Lab\_Arte), nas quais a arte protagoniza os processos de formação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico-conceitual e analítico-interpretativo, sustentada por revisão bibliográfica e pela análise reflexiva de experiências formativas desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE) e no Laboratório Experimental de Arte, Educação e Cultura (Lab\_Arte). O percurso metodológico articula três procedimentos: levantamento e discussão de autores que diagnosticam a estetização e o empobrecimento da experiência; exame interpretativo de mediações estéticas presentes no cotidiano midiático e relacional; e análise de ações formativas recorrentes nesses dois espaços, consideradas em seu contexto institucional, em seus dispositivos de realização e em seus efeitos formativos enunciados pelos próprios participantes e organizadores.

Ao acompanhar essas experiências, argumentamos que a educação estética pode abrir clareiras na floresta indiferenciada do consumo, produzindo espaços de suspensão, partilha e interpretação em que os afetos deixam de ser apenas matéria-prima de estratégias de marketing e passam a constituir-se como liames de uma pedagogia da escolha. Mais do que opor arte e mercado, trata-se de compreender como, no interior mesmo do capitalismo artista, é possível criar condições para que o estético se converta em experiência formadora, abrindo caminhos para novas subjetividades e modos de habitar o mundo.

### **Consumo e experiência estética**

O *modus operandi* das estruturas capitalistas é a mercantilização de todas as esferas da vida, não apenas a laboral e produtiva, mas de tudo que for possível, incluindo o lazer, o ócio, os afetos, os desejos, o sono, os sonhos, a atenção e a experiência estética. Em suma, todas as dimensões da vida, até as mais insuspeitas, são convertidas em valor de troca.



Em sua análise sobre a cultura de consumo, Zygmunt Bauman (2008) observa que a mercantilização chegou às próprias pessoas em uma sociedade de consumidores, na qual as pessoas se tratam a si mesmas como mercadorias, apresentando-se em diferentes ‘mercados’ (trabalho, redes sociais, relações afetivas) para serem avaliadas conforme seu valor de atração. O resultado desse movimento é a transformação da subjetividade em objeto de oferta e demanda, com identidades constantemente refeitas para se manterem “vendáveis” (Bauman, 2008, p. 20).

A obtenção de lucro, motor dos sistemas capitalistas, é amplificada por múltiplas estratégias articuladas de maneira complexa, envolvendo no mínimo duas forças que operam em tensão. Assim, se de um lado se investe no aumento de produtividade, de outro se amplia o controle dos salários; se escalar a produção é uma estratégia de controle de custos, a diversificação de produtos a tensiona; se a durabilidade influencia na percepção de qualidade, a obsolescência programada também se torna parte da equação. De maneira similar, o consumo se complementa com o desejo: quanto maior a promessa de prazer, mais intenso o consumo. Gilles Deleuze (1992, p. 224) questiona se seria possível combater as “alegrias do marketing”, apontando que o marketing tornou-se a nova forma de controle das sociedades modernas. O desejo, portanto, não é algo exterior ao consumo; é produzido e orientado por este.

Desejo e prazer estão tão imbricados com o consumo capitalista que é difícil diferenciá-los, desarticulá-los ou mesmo considerá-los isoladamente. Desejo e prazer (aqui sem necessidade epistemológica de defini-los e diferenciá-los), são tanto consumidos pela vida quanto a consomem.

Quando associados a um produto (qualquer que seja), podemos compreender que o consumo desse produto é também o consumo do prazer de consumi-lo (independente do uso que dele se possa fazer). Em outras palavras, assim como o desejo é desejado independentemente do que se deseja, o consumo se consome independentemente do produto consumido. Não por acaso, Bauman (2008) afirma que na cultura do consumo, a satisfação é continuamente adiada para alimentar uma insaciável busca por novidades; a identidade do consumidor depende de estar continuamente desejando e adquirindo. Essa lógica da insatisfação crônica se alimenta de promessas de prazer que nunca se realizam por completo.

É nessa chave de entendimento que se prolifera o que se pode qualificar de estetização do mundo. Não porque filmes, obras de arte, viagens, gastronomia, mídias



digitais ou estilos de vida sejam, em si, redutíveis ao consumo, mas porque passam a ser frequentemente organizados por regimes de visibilidade, sedução e experiência que os inscrevem em circuitos mercantis.

Lipovetsky e Serroy (2015, p. 43), ao descreverem o “capitalismo artista”, observam que o capitalismo contemporâneo cria valor econômico por meio do valor estético e experimental, constituindo-se como um sistema conceitor, produtor e distribuidor de prazeres, sensações e encantamento. Nesse “capitalismo artista”, arte, mercado, moda, publicidade, arquitetura e design se hibridizam para produzir mercadorias sedutoras que mobilizam os afetos dos consumidores (Lipovetsky; Serroy, 2015, p.43). A estética, assim, torna-se central para a economia, não apenas como enfeite, retoque ou acessório, mas como motor de criação de valor.

Favaretto (2017) complementa essa análise ao sugerir que, na era do capitalismo de consumo, tudo se torna arte ou artifício: são as formas e não os conteúdos, que concedem significação às coisas. O autor observa que a estética generalizada faz com que o design e o estilo se tornem valores em si, deslocando a atenção do objeto para sua forma e para a experiência que produz. A multiplicidade de ofertas produz uma saturação sensorial em que “[...] tudo é muito interessante, mas nem sempre tem interesse” (Favaretto, 2017, p. 130), abrindo espaço para uma indiferença diante do excesso de estímulos.

As experiências são consumíveis na mesma proporção que se consome a vida, mas mediadas pelas relações mercantis intensificadas pela economia capitalista. A naturalização dessa mercantilização inibe não só a crítica ao capitalismo, e por extensão, a construção de alternativas econômicas a ele, como o torna fatal. Não por acaso, Mark Fisher (2020) retoma uma máxima atribuída a Fredric Jameson e Slavoj Žižek: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Essa ideia serve de ponto de partida para o diagnóstico de Fisher, segundo o qual o realismo capitalista bloqueia a imaginação de alternativas e convence as pessoas de que “não há alternativa” (Fisher, 2020, p. 129). No campo dos afetos e do consumo, essa fatalidade se traduz numa adesão acrítica às promessas de realização que as mercadorias oferecem.

Nesse cenário, a própria ideia de experiência estética torna-se questionável. Walter Benjamin (1986) já denunciava o empobrecimento da experiência provocado pelo avanço da técnica e do capitalismo: a avalanche de informações e choques



sensoriais que caracteriza a vida nas grandes cidades reduz a possibilidade de elaboração do vivido e de sua inscrição em memória, narrativa e partilha.

O filósofo italiano Giorgio Agamben (2005) retoma Benjamin (1986) para afirmar que a expropriação da experiência está implicada no projeto político e científico da modernidade; ao separar a experiência dos quadros da tradição e torná-la mensurável, a ciência moderna destitui a experiência de sua autoridade. Jorge Larrosa (2014), por sua vez, define a experiência como “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Larrosa, 2014, p. 18), o que significa que, se de um lado nunca se passaram tantas coisas, de outro a experiência é cada vez mais rara, e aponta como causas o excesso de informação, a avalanche de opiniões e a falta de tempo (Larrosa, 2014).

Por fim, Byung-Chul Han (2019), ao analisar a cultura digital e a perda da contemplação, observa que a beleza deixa de exigir demora, distância e atenção, convertendo-se em dado imediato e consumível. O problema, portanto, não é apenas o excesso de imagens, mas a rarefação do intervalo reflexivo que permitiria à experiência nos transformar.

Em conjunto, o que esses autores diagnosticam é uma espécie de anestesia por excesso de informação, aceleração dos fluxos e saturação opinativa. Nessa chave, falar em “sentido” não significa supor uma essência oculta do vivido, mas a possibilidade de que algo nos aconteça de tal modo que deixe marcas, mobilize interpretação e participe de processos de formação (Larrosa, 2014; Han, 2019). O termo anestesia, embora difundido no campo médico, pode ser pensado como o oposto de estesia, termo grego que significa sensação e está na raiz da palavra estética.

No entanto, a experiência pode também não ocorrer; a sensação se esgota em si mesma, sem qualquer prolongamento, vestígios, memória ou sentido. A naturalização desses processos sensoriais empobrecidos, que não constituem uma experiência, produz esse estado de anestesia, o exato oposto da experiência estética buscada nos processos de formação pela arte/educação.

A título de exemplificação, podemos considerar que determinados filmes, como *Cidadão Kane* (1941), de Orson Welles, ou *Janela Indiscreta* (1954) de Alfred Hitchcock, podem provocar o espectador a refletir sobre uma série de elementos que constituem essas obras ou mesmo sobre aspectos que elas tangenciam – modos de viver, de pensar, de comunicar ou ainda de imaginar. Esses filmes emanam imaginários e a possibilidade de reassisti-los é um convite a reavaliá-los. A prática de



rolar freneticamente postagens em redes sociais constitui outra lógica: a da distração, do esvaziamento, da anestesia. Como pontua Vincenzo Susca (2025, p. 41),

[...] no vazio das redes, na excruciante ausência de conteúdo que caracteriza a socialidade digital, com sua carga de tagarelice sem sentido, emoções fugazes e práticas lúdicas, bem como na estetização generalizada de substâncias e comportamentos banais e efêmeros, ser-á – estar em comum, estar ‘com’ – irrompe em cena como a obra sem obra de nosso tempo.

De fato, como é bem percebido por Susca (2025), o consumo empreendido nas redes digitais se esgota no próprio gesto de consumir, o que torna indiferente o que se consome. O prazer de estar ‘com’ nesses espaços, o ritual de ‘curtir’ postagens e esperar que as próprias sejam também curtidas, se converte em uma forma de socialidade, sem dúvida, permeada pela estetização do mundo, mas sem necessariamente se constituir em experiências estéticas.

A experiência estética segue sendo promovida por uma forma de interação peculiar que ocorre entre espectador e obra, quando aquele atribui sentido a esta. A experiência, para acontecer, requer que uma dada subjetividade seja afetada; o que marca a experiência são os afetos que ela mobiliza, um jogo interpretativo que produz sentidos. Estamos, portanto, no campo da hermenêutica e dos afetos. Hermenêutica, pelo processo de atribuição e interpretação de sentidos. E afetos pela mobilização das emoções e sentimentos. A experiência que deriva dessa relação está intrinsecamente ligada à vida e podem ambas, vida e experiência – serem intensificada pelas artes. É este nosso interesse.

Há, portanto, uma diferença entre o consumo que se esgota no consumo e o consumo consumido pela vida e que a consome. No primeiro caso, a relação com objetos, imagens e narrativas se fecha na circulação mercantil e no prazer instantâneo do próprio ato de consumir; daí a relativa indiferenciação do que se consome e de suas finalidades.

No segundo caso, o consumo é reinscrito na experiência: aquilo que foi visto, ouvido ou vivido não se encerra no instante, mas retorna sob a forma de memória, interpretação, conversa, criação e autoformação. É esse segundo movimento que interessa à arte/educação, pois diz respeito aos vestígios que a interação com as obras deixa na constituição de subjetividades e nos modos de viver.

Trata-se, portanto, de diferenciar, em um cenário indiferenciado de estetização do mundo, as artes que tendem a reproduzir a anestesia daquelas que, em



determinadas condições de mediação e recepção, podem interrompê-la e promover experiência estética. Favaretto (2017) sugere que a arte contemporânea pode funcionar como um interruptor de percepção: ela desloca a atenção, desarranja o dado e cria uma clareira na densidade do mundo, operando um jogo com os acontecimentos em que o sentido emerge pela forma. Em vez de oferecer modelos de formação, certas obras apresentam-se como dispositivos de desvio que favorecem rupturas, deslocamentos e aberturas para novas subjetividades.

Partindo dessa hipótese de Favaretto (2017), segundo a qual certas obras podem operar como interruptores da percepção, cabe aprofundar a metáfora da clareira. Se a sociedade do consumo nos parece uma floresta densa e homogênea que anestesia os sentidos, as artes podem funcionar como golpes de machete que abrem clareiras em espaços estratégicos para promover uma outra forma de saber. Em lugar de modelos educativos pré-fabricados e vendidos como mais um produto pronto ao consumo, a experiência estética consiste em conexões e interrupções que instauram deslocamentos, descentramentos e devires. Essa experiência desloca o gesto passivo da contemplação para uma ação fisiológica que intensifica a vida. A obra de arte, ao perguntar ‘e se?’, suspende nossas crenças e faz emergir imaginações futuras que se infiltram no presente (Almeida, 2024, p. 15).

O pensamento que subjaz à arte contemporânea, ao romper com as expectativas que regra ou protocolo, habita esse território das interrupções, num jogo em que as obras se abrem para o descaminho, a desterritorialização, propiciando que os fluxos subterrâneos encontrem passagem para emergir enquanto experiência.

Esses descaminhos não são meros desvios, mas clareiras de indeterminação que permitem suspender a crença em dada imagem de real para admitir outras possíveis imagens de mundo. A suspensão da crença promovida pela arte, ao possibilitar a divergência e capturar os afetos, contribui para que o próprio real possa ser reimaginado. Nessa perspectiva, a experiência estética se converte em laboratório de futuridades em que vestígios de diferentes experiências se misturam e se transformam em itinerários de autoformação.

O exercício hermenêutico, isto é, a reflexão sobre o modo como interpretamos as obras e, por conseguinte, a própria realidade, conecta esse laboratório de futuridade promovido pelas artes à noção de formação como um processo de longa duração. A hermenêutica integra o saber lógico-racional (*máthema*) ao saber da experiência (*páthei máthos*), reconhecendo que a formação não ocorre somente pelo acúmulo de



conhecimentos, mas sobretudo pela interpretação das experiências vividas (Almeida, 2024, p. 7). Ao lado da matemática do mundo, há as lições apreendidas pela via das emoções, dos afetos e das experiências vividas, uma aprendizagem que só se concretiza quando damos sentido ao vivido, momento que requer justamente o ato hermenêutico da interpretação.

O apagamento de fronteiras entre saberes formais e informais, públicos e privados, objetivos e subjetivos, é justamente o que permite que as artes constituam uma pedagogia da escolha. Ao convidar cada pessoa a interpretar os vestígios deixados pelas experiências vividas, inclusive as estéticas, promovidas por meio das artes, essa pedagogia abre espaço para novas subjetividades, investindo tanto na criatividade quanto na criticidade (Almeida, 2024, p. 12-15).

Desse modo, se de um lado a estetização generalizada do mundo promove um efeito contrário à estesia, de outro as artes que interrompem esse processo, suspendem as crenças e convidam a uma experiência efetivamente estética, devolvem a possibilidade de uma participação afetiva no mundo, intensificando a vida. Essa circulação de sentidos, que não deixa de ser uma consumação da vida, se não escapa aos efeitos do consumismo desencadeado pelo processo de alastramento capitalista, ao menos se constitui como clareiras de resistência, espaços de gestação de futuridades que escapem à impregnação dessa lógica.

Dito isso, se o diagnóstico do consumismo se articula a uma anestesia difusa, o problema formativo que se coloca é outro: que condições concretas permitem transformar o estético em experiência? Em vez de acrescentar estímulos, trata-se de suspender e deslocar a percepção em prol dos afetos. A próxima seção acompanha deslocamentos do consumo quando mediados pela estética e pelo estar-junto, observando como eles podem tanto reproduzir a captura quanto abrir clareiras de sentido.

### **Deslocamentos do consumo mobilizados pela estética**

Dado o cenário de mercantilização dos afetos, estetização generalizada e empobrecimento da experiência, tratemos agora de compreender como a estética, no cotidiano midiático e relacional, desloca o consumo: ora reforçando o circuito do desejo, ora instituindo pausas e suspensões que reabrem a experiência. Em vez de um



*poder automático* da arte, investiguemos mediações (rituais, atenção, dispositivos, contextos) que possam converter o estético em experiência interpretável.

Em cada época de nossas vidas, os modos relacionais com o outro e com o entorno são imprescindíveis para nos comunicarmos na tríade formada por afetos, subjetividades e consumo. Desafio que “[...] em qualquer momento, recai sobre o meio mais novo, sobre aquele que é capaz de garantir o equilíbrio entre a continuação e a renovação das formas sociais” (Susca, 2025, p. 78). Temos uma história em continuação, um corpo social “[...] que é também o início de sua recriação. Ícones, objetos, informações e símbolos são, desse modo, engolidos no seio da vida diária e readaptados ao que é atual e cotidiano” (Susca, 2025, p. 81).

Um movimento que se desnuda de hábitos antigos e ao mesmo tempo os reinventa, reformatando-os em novas situações. Uma dobra que se manifesta em infinitas (des)dobras; um “[...] tender-distender, contrair-dilatar, comprimir-explodir (não condensar-rarefazer, que implicaria o vazio)” (Deleuze, 1988, p. 11). Um vai e vem que se faz na própria dobra e desdobra, aumentando a densidade da existência e a intensificando. Potência do sentimento no compartilhar com o outro a experiência, o sentimento estético, delineados em tramas, imaginários e no sensível de um corpo social. É o corpo também como mensagem [...] das novas mídias, porque essas paisagens saem e voltam ao próprio fundamento do estar-junto, na sua dimensão de experiência, ou seja, para além dos conteúdos manifestos que aí se desenvolvem (Susca, 2025, p. 56).

No cotidiano midiático e relacional, essas dinâmicas compõem um território controverso e heterogêneo, no qual subjetividades se organizam em meio a tensões, ambiguidades e formas de estar-junto. É nesse plano que se reiteram processos de estesia e anestesia: ora as sensibilidades são capturadas pela repetição expositiva, ora se abrem clareiras de atenção e partilha.

É um tempo, o nosso, que evidencia o conhecimento de si pelo e no outro em percursos desenhados em linhas que se atravessam, sustentadas pela ética e pela estética. Como sustenta Maffesoli (2021, p. 69), “[...] é a evidência do Outro que constitui o ponto de partida do conhecimento de si. Uma dependência que permite que o ‘eu’ se glorifique no ‘Nós’: o da dependência deste mundo graças aos outros”. É um conjunto de impressões pessoais e coletivas, envolvendo percepções e modos de viver/sentir o mundo.



É um tempo, o nosso, feito de afetos e afetamentos, tempo midiático e de consumo, causando dispersão na diluição, ou ainda, tempo “[...] que permanece de pé e se consolida no cenário convulsionado e imaculado da cultura contemporânea” (Susca, 2025, p. 99). Nesse lugar, vivemos em uma sociedade que se expõe, pois “tudo se mensura em seu valor expositivo” (Han, 2017, p. 31-32). Mundo e vida se transformam em exposição para si e para o outro. Assim, o habitar, por vezes, cede lugar à propaganda, no intuito de chamar a atenção para si. E por vezes, o invisível, o palpável e a imaterialidade perdem força, pois não possuem valor expositivo algum, não chamam atenção, não são consumíveis, vendáveis.

Nesse contexto, a estética mobiliza deslocamentos do consumo de imagens tecnicamente produzidas e de imagens reelaboradas pela memória e pela imaginação em “[...] roupagens e montagens de tempos heterogêneos. De vivências presentes, de sobrevivências, de ressurgências [...]” (Samain, 2013, p. 162). Trata-se, portanto, de compreender como aquilo que circula como imagem pode, em certas condições, suspender o fluxo imediato e converter-se em narrativa e elaboração.

A experiência estética não está desvinculada, na contemporaneidade, de uma cultura do prazer, que se enraíza num sentimento trágico que adere ao cotidiano e o vive como “[...] causa e efeito de uma ética do momento” (Maffesoli, 2000, p. 32). São as contradições, conflitos e tensões da contemporaneidade em “[...] prenúncio do caos e da desordem, já que não se apercebe que o que está em crise é a sua ordem de dominação” (Gonçalves, 2021, p. 136). Uma passagem que está sempre em transição e como afirma Bauman (1998, p. 19) despedaça

[...] a rocha sobre a qual repousa a segurança da vida diária. Ele (o estranho) vem de longe; não partilha as suposições locais – e, desse modo, ‘torna-se essencialmente o homem que deve colocar em questão quase tudo o que parece ser inquestionável para os membros do grupo abordado’.

A incerteza e a imprecisão podem, nesse contexto, alimentar blocos de sensação e reativar afetos no campo do viver-junto. Em Deleuze e Guattari (1992), perceptos e afectos interessam aqui não como ornamento conceitual, mas como operadores que ajudam a pensar aquilo que excede a informação e permanece agindo na experiência: compostos sensíveis que transbordam o instante e sustentam deslocamentos interpretativos.



Nessa perspectiva, os deslocamentos, atravessamentos, dobras e (des)dobras, são mobilizados pelos pontos e linhas de força, nas quais a estética “[...] é transparente como um cristal, não pode esconder nada do que nele passa” (Han, 2017, p. 98). É uma sinergia composta da razão e do sensível. Nela,

[...] o afeto, o emocional, o afetual, coisas que são da ordem da paixão, não estão mais separados em um domínio à parte, bem confinados na esfera da vida privada; não são mais unicamente explicáveis a partir de categorias psicológicas que podem servir à reflexão epistemológica, e são plenamente operatórias para explicar os múltiplos fenômenos sociais, que, sem isso, permaneceriam totalmente incompreensíveis (Maffesoli, 2005, p. 53-54).

Mais do que opor rigidamente privado e público, eu e nós, importa compreender os agenciamentos pelos quais essas dimensões se contaminam e se co-determinam na contemporaneidade. O desafio formativo consiste justamente em deslocar a fragilidade produzida por tais capturas para uma força vital capaz de reconfigurar modos de perceber, sentir e partilhar o mundo. E como destaca Maffesoli (2018, p. 97),

[...] aproveitar esse presente, tomar a vida pelo lado agradável, é o que todo analista não demasiadamente desconectado da existência corriqueira pode observar em todas as situações e ocorrências que pontuam a vida das sociedades.

Os modos de pensar, viver e sentir os espaços da contemporaneidade, incluindo o consumo e o tempo/lugar de aceleração, se deslocam para outros modos de ler e viver o entorno, no qual a estética tem papel predominante. Esse papel também se desloca e se (des) dobra em múltiplas possibilidades, atraindo ou se afastando do seu sentido primeiro: a suspensão daquilo que já está dado; o estranhamento em reverberações afetivas e o habitar que emana em dimensões subjetivas. Nesse sentido, as relações de afeto atuam como “[...] obra pedagógica, [pois] sem a relação afetiva com suas cognições, seus sentimentos, emoções e ações, acaba lamentavelmente em desencantamento” (Meira; Pillotto, 2022, p. 23).

No entanto, os deslocamentos do consumo mobilizados pela estética e pelo afeto não são garantias, mas condições: quando há interrupção dos fluxos, suspensão de crenças, partilha de afetos e interpretação, o que era mera circulação de conteúdos torna-se experiência formadora que agencia modos de viver. Portanto, o regime de estetização não é apenas um pano de fundo do consumo: ele é a própria gramática que converte afetos em circulação e subjetividades em valor de exposição. É preciso abrir



clareiras que refreiem o excesso indiferenciado de estímulos para que a experiência estética, entendida como o que nos afeta e nos faz pensar, possa operar como contradispositivo: suspensão do fluxo, desvio do olhar, reorganização dos afetos. O foco desloca-se do *quanto* se vê para *como* se vê, e do que se sente para o que se faz com o que se sente.

Nessa chave, os deslocamentos do consumo mobilizados pela estética podem ser lidos como testes de consistência da experiência: quando há suspensão ou clareira (interrupção do automatismo), afeto partilhado (um estar-junto que qualifica o tempo) e interpretação (trabalho de sentido), o estético deixa de anestesiar para promover experiência. A diferença decisiva, então, não é entre ter mais ou menos estética, mas entre estetização que confirma a captura e estética que converte afetos em formação.

Com isso, fecha-se a moldura teórica: a arte pode reabrir a experiência no interior mesmo do mercado de afetos, permitindo discernir quando o consumo se esgota em si e quando é reinscrito em trajetórias de memória, interpretação, partilha e formação. “Devolvido à formação”, nesse sentido, não significa purificado do mercado, mas deslocado de sua função imediata para compor processos de autoformação e elaboração do vivido. Essa distinção sustenta a passagem do diagnóstico para a práxis, com a narrativa de duas ações acadêmicas que buscam promover justamente a passagem da estetização anestesiante para a estética da experiência: o NUPAE e o Lab\_Arte.

### **Experiência estética e formação**

O Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE) inicia sua história em 2003 por um grupo de artistas/pesquisadores/professores-universitários de diferentes instituições do estado de Santa Catarina/Brasil. A intenção desse núcleo tem sido aprofundar questões referentes às artes, educação, estética e arte/educação, tendo o compromisso com a produção científica, artística e cultural, visando a socialização de conhecimentos e as práticas sociais.

Desde então o NUPAE, com sua liderança democrática, tem avançado em modos outros de realizar pesquisas, articulando conhecimentos, experiências e sensibilidades, com destaque na Educação Estética, formação docente e continuada.

Em seu percurso de existência, o núcleo tem, em suas bases, uma visão rizomática integrando campos de conhecimento como: Filosofia, Educação Estética;



Sensibilidades, Artes (música, artes visuais, dança, literatura), abrangendo os campos do ensino, da pesquisa e da extensão.

As ações do NUPAE envolvem pesquisadores, da graduação à pós-graduação, bem como professores/as das redes públicas de diferentes áreas. É importante destacar que o núcleo promove uma vez ao mês, encontros de estudos pautados na Educação Estética e nas Sensibilidades, a partir das duas linhas de pesquisa: - *Educação Estética e Processos de Criação*, que se fundamentam na poética, nos processos de criação e na educação patrimonial, em espaços formais e não formais da educação. Nesse sentido, o campo das Sensibilidades e da Educação Estética “[...] nos possibilita viver sensações e sentimentos que nos ajudam na apreensão da realidade, quando o conhecimento não é apenas resultado da atividade intelectual, mas também de uma ação guiada pelo imaginário” (Pillotto; Strapazzon, 2025, p. 186).

A segunda linha: *Educação, Linguagens e Práticas Educativas*, está relacionada às aprendizagens e linguagens/expressões das artes, ao currículo e às práticas educativas, nos diferentes níveis educacionais. Essa linha envolve temas sobre a formação docente, inicial e/ou continuada, políticas públicas, produções artísticas e conhecimento ético, estético, político e pedagógico. As linhas geram movimentos de pensar/fazer pesquisa em processos atravessados pelas subjetividades. Desse modo,

[...] percorre o imaginário, seja nas relações com o outro ou com objetos, lugares e memórias, [constituindo-se] em um vasto mundo em que diariamente travam-se combates entre paixões e ações; lugar em que modos de conduta afetiva são exorcizados, nutridos e aperfeiçoados. Caracterizam-se de modo ético, estético, político e pedagógico para alimentar o sentido pessoal e coletivo (Meira; Pillotto, 2022, p. 87).

A pesquisa, ensino e extensão promovidas pelo NUPAE são potencializadas pelas parcerias locais, nacionais e internacionais, em espaços formais e não formais da educação, a exemplo: escolas, institutos, universidades e museus.

As parcerias reiteram esse lugar de pesquisa e produção científica, fortalecidas em vínculos afetivos que perpassam pelo apoio mútuo, companheirismo, escutas, criticidades, estudos múltiplos e escritas participantes. Esse processo é constituído de pesquisas vividas com valores “[...] marcados pela ideia da pesquisa/viva, aquela que não se separa pesquisa e vida, e não tem personagens, mas a que nos alerta sempre de que o vivido é uma trama de Sensibilidades [...]” (Pillotto; Strapazzon, 2025, p. 186).



As pesquisas do NUPAE operam predominantemente, em abordagem qualitativa, articulando estudo bibliográfico, escritas reflexivas e dispositivos de pesquisa-viva, que se abrem ao inacabado. Nesse percurso, cartografias, a/r/tografias, (auto)biografias e narrativas, não aparecem como repertório genérico, mas como modos de acompanhar processos, registrar deslocamentos de percepção e produzir conhecimento, a partir das relações entre arte, educação, sensibilidades e formação.

Importante enfatizar as ações de formação promovidas pelo núcleo, a exemplo de encontros, seminários, simpósios, congressos, sejam locais, nacionais ou internacionais. Essas ações envolvem a comunidade interna e externa da universidade, possibilitando a troca de conhecimentos e experiências, a fim de reiterar o espaço da Educação Estética e das Sensibilidades na educação. Como afirma Gallo (2017, p. 68) “[...] é viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas. Fazer rizoma com os alunos, viabilizar rizomas entre os alunos, fazer rizomas com projetos de outros professores”.

Um dos projetos do NUPAE que relaciona ensino, pesquisa e extensão é o Canal (in)Completo, criado no Projeto de Extensão, intitulado: Práticas Educativas e Formação Docente: arte, estética e educação (PATRI), vinculado ao núcleo. Este, se constitui em veículo de (inter)locação e formação nos campos da educação, das artes, das culturas e da comunicação.

O objetivo desse Canal<sup>4</sup> é dialogar com profissionais que atuam nas escolas, nas universidades e em espaços culturais, a fim de pensar sobre as práticas educativas, artísticas e culturais. O canal promove uma *live* por mês, as quais ficam gravadas para que o público interessado possa utilizá-las em formações, produções científicas, pesquisas e também para conhecimento próprio.

Além das *Lives*, é nosso compromisso organizar Cadernos do (In)Completo em forma de livros, com o objetivo de oportunizar ao público outro meio de comunicação. Em 2019 foi publicado o primeiro Caderno Virtual (formato PDF) e na sequência o segundo e o terceiro Caderno, também virtual<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/incompletudes>. Acesso em: 05 dez. 2025

<sup>5</sup> Caderno Virtual (In)completudes Volume I, disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1CvtqO6lkJODvUwHsRegWpeoQdLJJeJvi/view>, acesso em: 05 dez. 2025; Caderno Virtual (In)completudes Volume II, disponível em:

[https://www.univille.edu.br/community/novoportal/VirtualDisk.html/downloadDirect/3614143/Caderno Virtual InCompleto - Volume 2 -30 01 2023 REV 2 3 compressed.pdf](https://www.univille.edu.br/community/novoportal/VirtualDisk.html/downloadDirect/3614143/Caderno%20Virtual%20InCompleto%20Volume%202%20-30%2001%202023%20REV%202%203%20compressed.pdf), acesso em:

05 dez. 2025 ; Caderno Virtual (In)completudes Volume III, disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1jRiKKYRkKnAb7Lt45sPPfWoE1ZUCTisz/view>



O Canal (In)Completo e as suas publicações em Cadernos (livros em PDF) atuam como formação, trazendo questões e convidados, que tematizam sobre os desafios contemporâneos nos campos da Educação Estética e das Sensibilidades nos territórios das escolas, das universidades, bem como em espaços não formais e informais da educação.

Mais do que divulgar ações institucionais, esses dispositivos operam como mediações formativas concretas. Os encontros mensais de estudo, as lives do Canal e a circulação posterior dos Cadernos, prolongam a experiência para além do acontecimento síncrono, favorecendo revisão, partilha e reapropriação dos temas por professores, estudantes e pesquisadores. Nessa passagem do encontro ao registro e deste à retomada reflexiva, o consumo de conteúdos não se esgota em sua fruição imediata: ele tende a converter-se em elaboração e formação. Essas experiências estéticas e de formação, que acontecem a partir do NUPAE, destacam a relevância das Artes, da Educação Estética e das Sensibilidades no campo da educação formal e não formal, contribuindo na humanização social.

Outro exemplo concreto de uma estética da experiência vinculada à formação é o Laboratório Experimental de Arte, Educação e Cultura (Lab\_Arte)<sup>6</sup>, que foi fundado em 2004, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como um espaço de resistência e re-existência, que articula pesquisa, ensino e extensão em torno das manifestações artísticas. Sua razão de ser, deriva da convicção de que a educação não deve limitar-se à transmissão de conteúdos, mas a uma formação sensível que integra imaginação, corpo e experiência estética.

O Lab\_Arte é coordenado por um grupo de professores e pesquisadores que desenvolvem núcleos temáticos ou oficinas permanentes. Esses núcleos articulam diferentes linguagens artísticas (teatro, dança, música, performance, circo, artes visuais, fotografia, cinema, games, narração de histórias, escrita criativa etc.) e acolhem estudantes de Pedagogia, licenciandos de várias áreas, pós-graduandos e pessoas da comunidade universitária e externa interessadas em se exercitar numa linguagem artística.

Atualmente, os núcleos vigentes são: *Fotografia como suporte afetivo*; *Teatro, educação & performance*; *Roteiro: improviso, escrita e audiovisual*; *Palhaçaria: arte da pessoa*; *Coral Todos os cantos*; *Fios & tramas: bordado livre*; *Cineclube*

---

<sup>6</sup> <https://www.labarte.fe.usp.br>, acesso em: 05 dez. 2025.



*Café; Ludus: RPG e jogos de mesa; Brincar o conto: narração de histórias; Música: experimentando e criando sons; Artes Visuais: colagens cotidianas; Forja: formação do jovem arteducador; Jogos teatrais; Videogame: cultura e processos educativos; Dança circular; Fotografia: diálogos entre ciência e arte e Núcleo Sambaqui de estudos em cultura popular.*

Os encontros semanais duram cerca de noventa minutos e ocorrem no Auditório Helenir Suano (sala 130 da FEUSP) ou em espaços adjacentes, como o Laboratório de Práticas Corporais (labcorpo) e a Escola de Aplicação. A periodicidade semanal e a constância das oficinas permitem que os participantes vivenciem processos de experimentação e prática artística concomitantemente à formação docente, seja inicial ou continuada.

Além dos núcleos permanentes, o Lab\_Arte organiza saraus semestrais, que celebram o encerramento dos trabalhos com apresentações musicais, declamações de poemas e participações espontâneas. Também promove *Pensartes*, que são colóquios com convidados de diversas áreas, além de debates de filmes e apresentações de pesquisas, estabelecendo conexões entre a universidade e a comunidade. Esses acontecimentos funcionam como dispositivos públicos de partilha, nos quais a experiência artística deixa de ser restrita ao ateliê ou à oficina e passa a ser elaborada coletivamente.

Um exemplo elucidativo é o cineclube desenvolvido no âmbito do Laboratório, descrito no volume comemorativo *Lab\_Arte 20 anos* (Paixão et al., 2025, p. 12-15; 200-213). Organizado no formato “café, bolo, filme e muita conversa”, o núcleo reuniu, ao longo de três anos e meio, mais de cem participantes em torno de debates sobre cinema e experiência educativa. O que importa aqui não é apenas o filme exibido, mas a mediação construída: circulação livre da palavra, suspensão de julgamentos, elaboração coletiva das impressões e transformação do encontro em espaço de acolhimento e reflexão. Nesses termos, a experiência estética não é tomada como atributo automático da obra, mas como efeito de um dispositivo que articula atenção, partilha e interpretação.

Desde sua concepção inicial, no ano de 2004, a autogestão é uma marca do laboratório. Os núcleos são liderados por artistas-educadores que propõem oficinas de acordo com suas pesquisas e interesses e compartilham a responsabilidade pela formação com os participantes, pois formação é também autoformação: cultivo de si a partir de práticas coletivas.



A diversidade de oficinas expressa a multiplicidade de formas de sentir e pensar, e essa variação possibilita acolher diferentes perfis de estudantes. Tanto as oficinas quanto as demais atividades, eventos, realizações e parcerias apostam que arte e ciência, mais do que meramente conviver, podem e devem estar imbricadas nos processos de elaboração do conhecimento, acionando uma educação das sensibilidades associada à educação científica no cultivo do espírito, em seu sentido *lato*, evitando assim as balizas produtivistas que minam o sentido profundo do percurso educativo.

O Lab\_Arte assume, como princípio, que as sensibilidades são elementos constitutivo da formação humana e que as artes são meios privilegiados para sua expansão. A prática artística, ao ativar a imaginação, depende não apenas da esfera intelectual, mas também do corpo, dos afetos e das emoções, o que favorece processos de (auto)formação mais complexos.

Há aqui a encarnação de uma *razão sensível*, isto é, a valorização do dado sensível em conjunção com a razão, como pensado por Maffesoli (1998, p. 152). Trata-se de uma razão que restitui a intuição, a metáfora e o devaneio poético como elementos participativos do conhecimento. Ao promover experiências nas quais o corpo, a palavra, a música e a imagem se entrelaçam, o laboratório alimenta uma forma de pensamento que não separa o sensível do inteligível, aproximando-o de uma razão complexa, que “não concebe em oposição absoluta, mas em oposição relativa, isto é, também em complementaridade, em comunicação, em trocas, em termos até ali antinômicos: inteligência e afetividade” (Morin, 1999, p. 157).

Assim, a estética da experiência mobiliza uma relação entre arte e mundo que é transcriativa, porque as mediações ocorrem menos por invenção do que por transformação das experiências vividas. A linguagem artística não se reduz à comunicação de fatos; ela explora a contrafactualidade e a ambiguidade, tornando significativas as relações entre corpo e mundo, cujos sentidos são constituídos por meio da interpretação, numa dimensão hermenêutica (Almeida; Araújo, 2020).

Essa perspectiva exige uma educação das sensibilidades que destaque a experiência como centro. Larrosa (2014, p. 31-34) afirma que a experiência se manifesta de duas formas: como choque súbito ou como fluxo lento que adquire forma na autonarrativa, na conarrativa ou na obra de arte. É esta experiência que interessa, como uma estética que, ao interromper os fluxos cotidianos e provocar a reflexão, permite reconfigurar (o sentido de) nossas vidas.



A estetização contemporânea faz com que a vida contenha duas esferas: a vida imediata, efêmera e com sentido circunscrito à ação prática, e a vida narrada, ressignificada, aberta a interpretações e transcrições. Em nossa perspectiva, importa essa segunda esfera, isto é, desfazer-se dos antigos cânones formativos, que buscavam preservar um sujeito estável, para se lançar às possibilidades de (re)construção de sentidos do que é dado a viver, como campo de atravessamentos, deslocamentos, desterritorializações e formação de novas subjetividades, que escapem às armadilhas do consumismo estetizado ou da estética consumista.

Nos contextos do NUPAE e do Lab\_Arte, a educação das Sensibilidades visa “chegar a ser o que se é”, divisa nietzschiana que exige tornar-se artista de si mesmo. O sujeito a ser formado não é pré-existente; ele se inventa no processo de criação de si, de forma semelhante ao artista que produz uma obra. A estética torna-se, então, uma prática ética: viver com arte é dar à vida a forma mais bela possível (Nietzsche, 2001, §299).

Trata-se portanto de romper com a dualidade, instaurada pela cisão entre mente e corpo para reconhecer uma corporalidade, que opera com a imaginação, os afetos, a intuição e os devaneios, em articulação com uma razão sensível. São estratégias de resistência e confronto diante do empobrecimento da experiência estética, causado pelos excessos da estetização do mundo.

### **Considerações Finais**

Ao refletirmos sobre o uso dos afetos e das subjetividades no contexto contemporâneo de uma sociedade capitalista, torna-se evidente a captura sistemática das emoções como estratégia de intensificação do consumo. As narrativas publicitárias que prometem vidas plenas e harmônicas, como na clássica imagem da família de propaganda de margarina, funcionam como dispositivos de anestesia: encobrem conflitos, precariedades e sofrimentos cotidianos, sob a promessa de um bem-estar permanente que na prática não se realiza. As redes sociais, por sua vez, ampliam esse movimento ao convocar os sujeitos a exibirem versões filtradas de si mesmos, orientadas pelo valor expositivo e pela busca incessante por reconhecimento.

Se o capitalismo artista converte afetos em mercadorias e estetiza a vida em todas as suas dimensões, é preciso indagar quais brechas ainda se abrem para que o



estético se torne experiência e não apenas consumo. É nesse ponto que a educação das Sensibilidades e as práticas artísticas, assumem relevância decisiva.

As ações do NUPAE e Lab\_Arte, permitem observar em escala situada, que a experiência formativa depende menos de uma oposição abstrata entre arte e mercado do que da construção de mediações. No primeiro caso, encontros de estudo, *lives* e Cadernos prolongam a elaboração coletiva; no segundo, oficinas permanentes, saraus e cineclubes articulam prática artística, convívio e interpretação.

Nesses espaços, a arte deixa de ser mero recurso ilustrativo ou ornamento e passa a operar como interruptor da percepção, instaurando clareiras na floresta indiferenciada da estetização. Tais clareiras permitem que as emoções, em vez de apenas alimentarem o circuito da mercadoria, se convertam em matéria de reflexão, criação e autoformação. Ao articular razão sensível, imaginação e experiência, essas práticas configuram uma pedagogia da escolha, na qual os sujeitos são convocados a interpretar os vestígios deixados pelo vivido e a assumir responsabilidade pelas formas de vida que engendram. Assim, se estivermos atentos às armadilhas do capitalismo, é possível criar brechas que possibilitem a compreensão das subjetividades e do real valor dos afetos como liames rizomáticos, articulados em pensamentos, sensibilidades e afetos (Meira; Pillotto, 2022).

É pelo afeto que potencializamos as relações humanas, fortalecidas no conviver consigo mesmo e com o outro. No entanto é preciso compreender que essas relações são também constituídas no desencantar-se, “[...] parte do inventário das relações afetivas e ponto arriscado de inflexão no qual estamos em disponibilidade para optar em permanecer no desencanto ou dar a virada criativa para transmutar dor em prazer” (Meira; Pillotto, 2022, p. 57).

Assim, a dimensão dos afetos e suas interconexões com o consumo, em ambientes físicos, virtuais e ambientais, não podem ser tratados como aspecto secundário ou puramente individual. Trata-se de um campo estratégico para pensar resistências e reinvenções em uma sociedade orientada pelo lucro, pelo individualismo e pela aceleração.

Ao investir em experiências estéticas que intensificam o viver-junto e potencializam o cuidado de si e do outro, iniciativas como o NUPAE e o Lab\_Arte sugerem que é possível transformar em força vital e crítica, a aparente fraqueza dos afetos e sua captura pelo mercado, tornando-se então capaz de reabrir a imaginação e de sustentar processos formativos humanos e solidários.



---

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- ALMEIDA, Rogério de.; ARAÚJO, Alberto Filipe. A transcrição do mundo pela experiência: esboço para uma educação estética. **Eccos – Revista Científica**, São Paulo, n. 53, e16676, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n53.16676>. Acesso em: 05 dez. 2025.
- ALMEIDA, Rogério de. Hermenêutica e processos formativos: elementos para uma pedagogia da escolha. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 37, n. 1, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/28060/26875>. Acesso em: 14 nov. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama & Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- CIDADÃO Kane. Direção: Orson Welles. Produção: RKO Radio Pictures. Los Angeles: RKO Radio Pictures, 1941. Filme.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 114-119.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr e Alberto A. Munoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. Tradução: Carlos Aboim de Brito. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 1993.
- FAVARETTO, Celso. Costuras. **Revista Costuras**, São Paulo, n. 10, p. 127-135, 2017.
- FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**. 3. Ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 15. ed., 3. reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2021.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução: Enio Paulo Gianchini. – Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Petrópolis: Vozes, 2019.



JANELA Indiscreta. Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Alfred J. Hitchcock Productions. Los Angeles: Paramount Pictures, 1954. Filme.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **L'instant éternel**. Paris: Denoël, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução: Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia**: uma ecologia para nosso tempo. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: Sesc Edições, 2021.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. 2.ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2022.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PAIXÃO, Sabrina da; ALMEIDA, Rogério de; CASTRO, Tamara; BRAGA, Pê (org.). **Lab\_arte 20 anos**. São Paulo: FEUSP, 2025. DOI: 10.11606/9786587047843.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli; NUPAE: O fazer-se sensibilidade na pesquisa. In: CARVALHO, Francione Oliviera; SABINO Kelly (Orgs.). **Educação e arte da ANPED**: potência do coletivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. p. 185-198.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org.). **Caderno (In)Completo**. Volume II. – Joinville, SC: Editora Univille, 2023.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org.). **Caderno Virtual (In)Completo**. V. 1: il. 1. Educação 2. Arte e Educação 3. Educação não formal. 4. Currículos. – Joinville, SC: Editora UNIVILLE, 2021.

SAMAIN, E. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 151-164. 2013. DOI: 10.5216/vis.v10i1.23089. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23089> . Acesso em: 12 out. 2025.

SUSCA, Vincenzo. **Depois da arte**: geneologia da indústria cultural. Coordenação da edição brasileira: Silvia Sell Duarte Pillotto; Mirtes Antunes Locatelli. Tradução: Eduardo Portanova Barros. Joinville: Ed. Univille, 2025.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.